# INSCRIÇÕES DISCURSIVAS EM ENTREVISTAS DE SILAS MALAFAIA E JEAN WYLLYS

**Mábsom Silva Lemes[1] (IC)*, Guilherme Figueira-Borges[2] (PQ)**
**mabsomlemes@outlook.com**

[1, 2] Universidade Estadual de Goiás – Câmpus. Avenida R 2 Qd 1 - s/n, Iporá - GO, 76200-000

Resumo: O presente trabalho objetivo lançar um olhar sobre as inscrições discursivas de Silas Malafaia e Jean Wyllys em entrevistas concedidas à jornalista Marilia Gabriela, em seu programa "De Frente com Gabi". Para tanto, inscrevemo-nos no campo da Análise do Discurso Francesa e mobilizamos as noções de "discurso", de "enunciado", de "sujeito", de "poder" e de "saber" de FOUCAULT (1992, 1996, 2001, 2008, 2011), de "corpo" de MILANEZ (2007) e de "memória discursiva" e "corpo anormal" de COURTINE (2008). A partir das análises, percebemos que o corpo que emerge no dizer de Silas Malafaia e Jean Wyllys evidencia regularidades e dispersões na Formação Discursiva Biológica.

Palavras-chave: Corpo. Discurso. Homossexualidade.

## Introdução

*Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações.*
FOUCAULT (2012, p.132).

Em nossa sociedade, o corpo evidencia alguns padrões de comportamento, vestimenta e trejeitos construídos históricamente. Não é permitido a ele agir/ser de qualquer forma e se comportar de qualquer maneira. Aos corpos, são impostos papéis que devem ser seguidos para que estes possam partilhar do convívio social. Ao corpo feminino, por um lado, é interpelado a se comportar com delicadeza, sentar-se com as pernas cruzadas ou fechadas de forma delicada. Por outro lado, ao corpo masculino é negado a delicadeza e a sensibilidade, proibindo algumas características atribuídas ao gênero feminino.

Tais delimitações, a partir de uma docilização, desses corpos será para Foucault (2012) a tentativa de criação de corpos *uteis*. Pensar *corpos úteis* significa questionar construções sócio-histórico-ideológicas que tem delimitado padrões de (a)normalidade na descontinuidade da história. Assim, neste trabalho, objetivamos

analisar dizeres de Jean Wyllys e Silas Malafaia de modo a demonstrar construções possíveis para o corpo homossexual, evidenciando a historicidade e discursividades que os têm interpelado a enunciar.

Jean Wyllys atua como deputado federal desde 2010. Jornalista e professor universitário, Jean Wyllys surgiu na mídia nacional em 2005 na quinta edição do reality show Big Brother Brasil (BBB) de onde saiu vencedor. Jean Wyllys foi eleito pelo estado do Rio de Janeiro, eleição essa que ele atribui ao grupo LGBT que foi o grande alvo de sua campanha eleitoral. Ele ocupa hoje uma cadeira no congresso nacional pelo partido PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) atuando juntamente com a Comissão de Direitos Humanos. Os projetos de Jean Wyllys giram entorno de temas como legalização do aborto, regulamentação da venda de Cannabis (maconha), reconhecimento do casamento civil e união estável igualitária, temas que socialmente são vistos e tratados como tabus.

Já Silas Malafaia é formado em teologia e psicologia e atualmente pastor presidente da "Assembleia de Deus Vitoria em Cristo", atua também como conferencista, viajando pelo pais e o mundo e em programas evangélicos em redes de TV. Malafaia é conhecido por suas entrevistas e declarações onde critica abertamente temas como homossexualidade, liberação do aborto e conceito de família, ideais construídos a partir de sua constituição religiosa. Por ser uma forte liderança frente ao seu grupo religioso, Malafaia tem grande influência também na política através da chamada "bancada evangélica" construída em sua maioria por pastores e lideranças evangélicas.

Lançar o olhar para a constituição destes sujeitos se torna relevante por, social e politicamente, estarem em posições dispares, mas fundando os seus discursos em formações discursivas similares.

## Corpo e Construção da Homossexualidade

Seguindo os postulados de Foucault, cabe-nos entender *a priori* que há uma alteridade que incide sobre o corpo delimitando, discursivamente, as suas bordas. O corpo está preso a normas de delimitam possibilidades, por exemplo, de expressão facial, de se vestir, de gesticular nas práticas sociais. Nesse sentido, convém problematizar: o que o corpo homossexual pode e deve fazer na

contemporaneidade? Levantar essa problematização é relevante na medida em que pensar a emergência do corpo homossexual, na contemporaneidade, remarca exercícios de poder e práticas de resistência historicamente constituídos. Entender o corpo como uma função “não sob uma perspectiva biológica ou fisiológica, mas sim enquanto uma instância discursiva pela qual o sujeito se constitui” (BORGES, 2015, p.87). Entender o corpo aqui como atravessado por vários discursos que se entrelaçam como um nó em uma rede sendo nesse nó o local onde pousamos nosso olhar esse corpo/enunciado, essa função. Milanez (2009 p.216) menciona que,

> [a]o observarmos tais mecanismos que constroem o corpo como discurso, destacando sua existência material, teremos, antes de mais nada a pergunta: que tipo de conhecimento vai produzir o corpo no discurso? Quais praticas discursivas entrelaçam essa materialidade corpóreo-discursiva? Que artes do existir essa prática corporal discursiva coloca em evidencia? Quais materialidades e jogos podem construir uma identidade no discurso?

A partir dos questionamentos de Milanez (2009), convém apresentar problematizações que, de certa forma, balizaram nosso trabalho: em quais formações discursivas os discursos de Jean e Malafaia se inscrevem? Quais os efeitos de sentidos que emergem dessas inscrições? Qual a função desse corpo homossexual construído a partir de seus dizeres? Procuramos, então, lançar um olhar sobre a constituição dos sujeitos de nossa análise, Jean Wyllys e Silas Malafaia, objetivando através desse olhar analisar em quais formações discursivas os discursos desses sujeitos se inscrevem. Para o conceito de Formações Discursivas (FD) nos embasaremos no que diz Foucault,

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2013, p. 47)

Tomamos tal conceito com alguma cautela. Por mais que tomemos um grupo de regularidades e dispersões como FD isso não quer dizer que esta será inteiramente formada por uma determinada posição, que podem haver atravessamentos outros em uma mesma FD Pêcheux (1990, p.258-259) nos adverte quanto a

> caracterizar uma formação discursiva classificando-a, entre outras, por qualquer tipologia que seja, é estritamente impossível. É necessário, ao contrário, definir a relação interna que ela estabelece com o seu exterior discursivo especifico, portanto, determinar as invasões, os atravessamentos constitutivos pelas quais uma pluralidade contraditória, desigual e interiormente subordinada de formações discursivas se organiza em função dos interesses que colocam em causa a luta ideológica de classes em um momento dado de seu desenvolvimento em uma dada formação social.[1]

Assim, entendemos que em uma FD biológica podemos ter atravessamentos do discurso religioso, político, etc. Os próprios corpos são formados enquanto materialidades a partir desses atravessamentos de vários discursos nos quais um sempre estará em prevalência quanto ao outro. Entendemos, desse modo, que dentro de uma FD politica, por exemplo, pode haver atravessamentos de discurso religioso ou biológico.

A partir do funcionamento de sistemas de dispersões e regularidades, constitutivos, constituintes e constituídos da FD, apresentada por Foucault (2013), que buscaremos com base em excertos (E.), recortados da transcrição elaborada das entrevistas de Silas Malafaia (Suj. 01) e Jean Wyllys (Suj. 02), lançar o olhar para as FDS nas quais eles se inscrevem. Vejamos os dois primeiros fragmentos das entrevistas:

> Suj. 02, E. 01 eu já me perguntei sobre isso eu acho que não eu acho que não porque é a o que tece a nossa orientação sexual é uma relação ali muito inseparável entre natureza e cultura tem uma dimensão natural na homossexualidade tanto é que eles estão aí no mapeamento no genoma no projeto genoma tentando mapear se há o gene gay digamos assim se há um componente genético (inaudível) não ta claro ainda isso isso não ta claro...
>
> Suj. 01, E. 01: é contestável ?, eu mando vim na genética quem é que pode dizer se alguém nasce gay ou não, não é a psicologia é a genética a ciência que pode dizer... é igual o aborto quem é que pode dizer onde começa a vida? a biologia

Nesses dois primeiros fragmentos, percebemos uma regularidade nos sentidos dos dizeres de Jean Wyllys e Silas Malafaia, evidenciando que mesmo se inscrevendo em posições distintas esses sujeitos podem ocupar a Formação

[1] Tradução do original: caractériser une formation discursive en la classant parmi d'autres par quelque typologie que ce soit devient strictement impossible; il faut au contraire definir le rapport interne qu'elle entretient avec son extérieur discursif spécifique, bref déterminer les empiètements constitutifs par lesquels une pluralité contradictoire, inégale et intérieurement subordonnée de formations discursives s'organise em fonction des intérêts que met en jeu la lutte idéologique des classes, à un moment donné de son développement dans une formation sociale donnée (Pêcheux, 1990, p.258-259)

Discursiva Biológica (FDB) o que pode ser destacados em enunciados como: i) “tem uma dimensão natural na homossexualidade”, de Jean Wyllys; ii) e “quem é que pode dizer se alguém nasce gay ou não, não é a psicologia é a genética a ciência que pode dizer”, de Silas Malafaia. Ao empregarem expressões como, por exemplo, “natural” e “genético”, vemos, no dizer de Jean Wyllys e Silas Malafaia, uma tentativa de inscrição na naturalidade, no discurso do que venha a ser natural da *bio,* aquilo que está no código genético no sujeito. Embora eles se inscrevam na FDB, analisamos que o acontecimento enunciativo fundado por cada um deles gera sentidos dispersos, posto que enquanto um nega veementemente um caráter genético para a homossexualidade, o gesto interpretativo do outro vai na direção de afirmar o caráter natural da homossexualidade. Malafaia, negando um discurso de naturalidade, enuncia que:

> Suj. 01, E. 02: isso obrigado deixa eu te falar uma coisa, primeiro ninguém nasce gay, homossexualismo é um comportamento

E Jean Wyllys, inscrevendo-se em outras posições-sujeito, recorta uma naturalidade para a homossexualidade:

> Suj. 02, E. 02: já tem também a questão hormonal os estudos sobre os hormônios o que é certo é tem componente biológico sim e tem um componente cultural claro das relações das relações de prazer e desprazer

Entender essas inscrições dos sujeitos na FDB nos interpela a pensar quais sentidos constituem o corpo homossexual na fala dos sujeitos em questão. Corpo esse que busca essa inscrição, disciplinarmente, no biológico, instaurando/afirmando, por um lado, um corpo homossexual negado e, por outro lado, um corpo homossexual que possa fazer parte de um discurso de verdade. Segundo FOUCAULT (2012, p.34), a disciplina é “um princípio de controle da produção do discurso. Ela fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma ritualização permanente das regras”. A disciplina sobre esse corpo se destina criar normas, padrões e regras a partir dos quais são criados os limites, possíveis para o corpo homossexual, evidenciando um jogo de identidades. Identidades estas que não são fixas, mas móveis, instáveis e em pleno estado de devir. Para que esse corpo homossexual se inscreva no natural, ele deve estar de acordo com suas regras e rituais tem que se inscrever em identidades possíveis a

partir dessas disciplinas. Tais regras e rituais são definidas pelo discurso de verdade vigente que está em constante movimento. Foucault (2012) se questiona como a ciência da época de Mendel não pode ver a verdade em seu discurso de sexualidade vegetal, evidenciando que tal ocorrido se deu porque

> "Mendel dizia a verdade, mas não estava "no verdadeiro" do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse "no verdadeiro" e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas. FOUCAULT (2012, p.33)

Pode-se dizer que fato similar ocorre com o corpo homossexual que busca inscrição nesse discurso de verdade contemporâneo. Devemos entender aqui essa inscrição como relativa, assim como essa noção de verdade. Dependendo da FD ou dos discursos que atravessam cada sujeito ou sociedade, o (efeito de) sentido da homossexualidade como um objeto também se modifica, criando assim um terreno extremamente movediço.

Desse modo buscar uma inscrição no verdadeiro desloca/movimenta o corpo homossexual entre posições de (a)normalidade e de (des)naturalização posições essas tomadas a partir dos discursos que incidem sobre as constituições dos sujeitos e dessa forma gerar variações de (a)normal e (não)natural dentro das próprias noções de homossexualidade e heterossexualidade aqui demarcadas pelas posições dos sujeitos Jean e Malafaia, um inscrito em uma posição político/indenitária e o outro em um discurso religioso cristão. Por mais que se busque essa inscrição o próprio discurso biológico, este está em contínuo movimento, ou seja, os seus saberes e práticas se constituem outros na história.

## Criminalização da Pratica Homossexual

Malafaia durante a entrevista diz "eu amo os homossexuais como amo os bandidos amo assassinos". Estabelecendo uma ressignificação do adagio cristão "amar ao próximo como a ti mesmo". BÍBLIA SAGRADA (1993, p. 157). A partir dessa ressignificação vemos que sentidos criminais deslizam, no dizer desse sujeito, sobre o corpo homossexual. Assim, vemos a homossexualidade emergindo como crime nas práticas sociais.

> Suj. 01, E. 03: mas vou discordar mesmo eu olha o filho de um ban a mãe de um bandido vai na cadeia e eu tenho trabalhos em penitenciaria o filho é assassino facínora ela o ama profundamente agora pergunta se ela concorda um milímetro com aquilo concordar com uma pratica é uma coisa amar a pessoa é outra eu amo os homossexuais mas discordo 100% de suas praticas

O acontecimento enunciativo de Malafaia movimenta o corpo homossexual para um lugar marginal. Lugar esse que, ao nosso olhar, é uma forma de evitar que esse corpo conviva em lugares sociais comuns e de haver um controle maior e coercivo, por exemplo, de suas ações, modo de falar, troca de afetos, uma tentativa de docilizarão do corpo homossexual.

Notamos que a partir dos dizeres do entrevistado emerge uma certa constituição discursiva de um corpo homossexual que tem as suas bordas delimitas por uma noção de “comportamento” a partir da qual se delimita que há uma escolha ao pecado e ao crime. Malafaia, enquanto sujeito, movimenta-se entre posições discursivas de formações discursivas dispares como, por exemplo, a religiosa e a psicológica, o que funda contradições em seu dizer. Nesse sentido, convém mencionar que o corpo homossexual emerge, no dizer do sujeito entrevistado, a partir de um jogo de ressignificação que foge ao controle dele enquanto enunciador.

## Considerações Finais

Buscamos com esse trabalho lançar um olhar sobre as relações de poder que aparecem a partir dos enunciados de Silas Malafaia e Jean Wyllys. Analisando como isso afeta o sujeito em suas relações com outros sujeitos. Observando como o corpo homossexual é afetado por essas relações tendo seu corpo afirmado ou negado em determinados espaços.

Desvelamos que Malafaia e Wyllys ancoram os seus dizeres na FD abiológica, buscando negar/afirmar uma naturalidade para a homossexualidade. Naturalidade essa que insere o corpo homossexual em um complexo jogo de saber/poder que determina práticas que podem e devem ser atribuídas ao sujeito homossexual. Nesse sentido, pode-se dizer que este trabalho possibilitou lançar o olhar para facetas da homossexualidade que, discursivamente, afetam os sujeitos na contemporaneidade.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo fomento destinado a realização desta pesquisa.

## Referências

**BIBLIA SAGRADA, A**. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BORGES, Guilherme Figueira. **Re(com)posições Discursivas de um Corpo-Vadio**. In: https://www.academia.edu/11803058/Re_com_posic_o_es_discursivas_de_um_corpo_vadio último acesso em: dezembro 2015.

FOUCAULT, M. "A Escrita de Si". In: **O Que É um Autor?** Lisboa: Passagem, 1992.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Bras. 3ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Os anormais: curso no collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

_____. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS, Rupert L. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2.ed, rev, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013

MILANEZ, Nilton. "O corpo é um arquipélago memória, intericonicidade e identidade**".** In: NAVARRO. P. (org.) **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos– São Carlos: Claraluz. 2006, p. 153-179.

_____. "Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso". In:

**Acta Scientiarum. Language and culture.** Universidade Estadual de Maringá, v. 31. n. 2. Maringá: Eduem, 2009, p215-222.

PECHEUX, Michel. "Remontons de Foucault à Spinoza". In: MALDIDIER, Denise. **L'inquiétude du Discours: Textes de Michel Pêcheux**. Paris: Éditions des Cendres, 1990, p.245-260.

**VIDEOS**

DE FRENTE COM GABI. **Silas Malafaia** – completo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14>. Acesso em: fevereiro de 2015.

DE FRENTE COM GABI. **Jean Wyllys** (05-06-2011). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eo3UWIsmoYA . Acesso em: janeiro de 2016.